

# BICO DE LACRE

*Estrilda astrild, Estrilda rhodopyga e Estrilda troglodytes*

Claudio Gonçalves - Diretor Canto Clássico  
Juiz OBJO / FOB



A reprodução de bicos de lacre em cativeiro não se encontra bem difundida, porém não é tão fácil como algumas outras espécies de pássaros já amplamente reproduzidos em cativeiro, tais como pintassilgos, canários da terra e curiós. Essas aves até reproduzem-se razoavelmente bem em gaiolas apropriadas, principalmente se os casais postos a procriar já forem reproduzidos em gaiolas, porém em viveiros procriam facilmente. Técnicas de manejo apropriadas, higiene, iluminação do criadouro e alimentação adequada e de qualidade, são requisitos fundamentais para que a criação desta ave seja bem sucedida, porém tais requisitos não são específicos para elas, devendo ser observados para quaisquer outras aves criadas em cativeiro.

Os bicos de lacre são pequenos

pássaros granívoros, não sendo apreciadores de frutas e verduras. Sua base alimentar é constituída de pequenas sementes, excluindo algumas mais oleaginosas, tais como a colza, a linhaça e o nabão. As sementes fornecidas para este pássaro podem ser em misturas, pois não há tendência em procurarem especificamente as que mais lhes agradam, descartando as demais para o assoalho da gaiola.

A base da alimentação pode ser constituída por uma mistura de alpiste, painço, milho e senha. Apreciam muito, sementes de capim frescas, por exemplo, as de capim colômbio, brachiaria, amargoso, entre outros, cujos cachos podem ser colhidos e fornecidos diretamente aos pássaros. Uma fonte de cálcio deve ser fornecida o ano todo, principalmente para as fêmeas, que utilizam grandes

quantidades deste mineral na composição da casca dos ovos. A farinha de ostra ou o "osso de ciba" são as melhores alternativas para o fornecimento de cálcio. Bicos de lacre também comem algumas farinhadas, que podem ser fornecidas secas ou umedecidas, e estas constituem uma grande fonte de proteínas, indispensáveis aos períodos de muda de penas e alimentação dos filhotes.

São pássaros que apresentam cerca de 9 a 11 cm de comprimento, envergadura situada entre 13 e 14 cm e pesam entre 7 e 10 gramas. No Brasil recebem as mais variadas denominações conforme sua região de ocorrência, ou seja: biquinho, bombeiro, bombeirinho, beijo de moça, entre outros.

Este pequeno pássaro teve a sua origem na África, no entanto, com o passar dos anos, migrando em bandos

para o Sul da Europa. Foi introduzido em Portugal em 1968 (na Lagoa de Óbidos), expandindo-se rapidamente por todo o país, tornando-se uma espécie muito comum.

No Brasil, o bico de lacre (*Estrilda astrild*) foi introduzido no estado de São Paulo, por volta de 1870, trazido da África Meridional. Provavelmente foi



levado também a outros estados.

Sendo esta uma ave originária das savanas africanas, que passou a ser criada como ave de gaiola pelos europeus que a trouxeram para o Brasil como animal de estimação, obviamente algumas delas escaparam e, por mera coincidência histórica acabaram reproduzindo-se com sucesso em nosso país, pois assim como os bicos de lacre, algumas espécies de gramíneas das quais se alimentavam na savana africana, também foram introduzidas no Brasil naquela época, com o intuito de melhorar a qualidade de nossas pastagens e por conta disso as aves que escaparam encontraram uma fonte de alimento farta e muito familiar.

É uma ave calma, de temperamento dócil e comportamento colonial que não tem problemas em conviver em zonas urbanas e próximas do ser humano, sendo frequente a sua ocorrência em locais bastante povoadas. Acredita-se que esta seja uma das aves mais numerosas no planeta, considerando-se as diversas subespécies existentes.

O termo Estrilda é originário de uma adaptação etimológica do nome

Astraea, filha de Júpiter e deusa da justiça. Segundo a mitologia grega, áster significa estrela, fazendo alusão ao brilho avermelhado, característico e intenso do bico dessas aves.

Das três espécies principais de bico de lacre (*Estrilda troglodytes*, *Estrilda astrild* e *Estrilda rhodopyga*), o Estrilda astrild é a mais fácil de reproduzir em cativeiro. Todas as três espécies são originárias da África e facilmente confundidas.

A primeira destas espécies, ou bico de lacre de rabo preto (*Estrilda troglodytes* => do grego troglodutes; morador, habitante de caverna) surge muitas vezes nas importações (e também em liberdade). Apresenta a zona do abdômen mais escura, e sem a coloração avermelhada de forma acentuada. Distribui-se numa zona desde o Senegal e Gâmbia até a zona mais



ocidental da Etiópia e do Quênia.

O bico de lacre de uropígio vermelho (*Estrilda rhodopyga* • do grego rhodos = rosa, avermelhado e pyga em referência à região do uropígio, sobre as costas no final da cauda), também é denominado de bico de lacre de Sundevall, em honra do ornitólogo sueco Carl Sundevall que o descobriu e identificou pela primeira vez, em 1850. Esta última distingue-se pela coloração mais castanha, região do uropígio e das asas mais avermelhadas que os demais e pelo bico preto nos adultos. É menos comum de ser encontrada, surgindo esporadicamente em algumas importações de aves, todavia, devido a sua menor resistência e dificuldade de reprodução em cativeiro, torna-se muito rara de ser encontrada entre os criadores.

No Brasil, a espécie que se encontra



amplamente difundida na natureza é o *Estrilda astrild*. Machos e fêmeas são bastante semelhantes embora os machos por vezes tenham uma maior mancha avermelhada na zona do peito, parte inferior da cauda de coloração preta bastante evidente e coloração do



bico mais intensa.

O dorso dos machos e das fêmeas é cinzento escuro, visivelmente raiado por diversas listras de tons distintos. Na parte inferior, nota-se acentuada distinção entre a coloração dos machos e das fêmeas, sendo mais acentuada nos machos. A distinção dos sexos é geralmente mais segura pelo comportamento dos machos em corte das fêmeas perseguindo-as enquanto emitem vários gorjeios característicos e sequenciados.

Em cativeiro, preferencialmente devem ser mantidos em colônias compostas por vários casais dependendo do tamanho do viveiro, podendo conviver facilmente com outras aves. Uma vez estabelecida uma colônia em cativeiro, o que leva pelo



menos alguns meses, podem então ser observados os primeiros cortejamentos entre alguns casais que se formaram e então alguns ninhos sendo



confeccionados.

O casal constrói o ninho de forma muito engenhosa, com formato esférico ou oval, utilizando hastes de capins de forma entrelaçada, e revestem-no internamente com penas, algodão ou outro material semelhante. A entrada do ninho é geralmente virada para baixo (difícilmente podendo ser vista por alguém que vê o ninho de cima), sendo constituída por um pequeno túnel estreito, lateral e pouco evidente devido à orientação oblíqua das hastes de capins que serviram para sua confecção. Às vezes, constroem-se também ninhos menores que servem como dormitórios ou, ainda, sobre o ninho de cria, outro bem visível com a base apoiada sobre o mesmo. Parece que a função deste último é desviar a atenção dos predadores do ninho verdadeiro.

Caso haja opção pela criação em gaiolas estas devem possuir a malha entre as grades apropriada a esse tipo de pássaro, de tal modo a evitar que eventualmente ocorra sua fuga e suas dimensões devem situar-se em torno de 70x31,5x42.



Recomenda-se que sejam colocados apenas dois poleiros com diâmetro igual a 8 mm. Quanto aos ninhos, estes devem ser em formato de pequenas cestinhas de palha com uma entrada. Uma vez habituando-se aos mesmos, o casal começa o cortejamento e em seguida o processo de nidificação.

Além dos dois poleiros, recomenda-se ainda a inserção de um pequeno poleiro individual (denominado dorminhoco), com aprox. 10 a 15 cm de comprimento e 6 mm de diâmetro. Esse pequeno poleiro deve ser inclinado para cima, pois esse tipo de ave tende a empoleirar-se sempre nas pontas dos



galhos ou ramos.

Essa característica parece estar associada a um comportamento de defesa (pois em seu habitat natural, são constantemente alvos de predadores rapineiros que, quase sempre, os atacam em movimento descendente), ou até mesmo em virtude do hábito decorrente do seu tamanho e peso reduzidos, de equilibrarem-se nas extremidades mais finas das hastes de gramíneas com sementes, que são sua



principal fonte de alimento.

Uma vez nidificando, as fêmeas logo iniciarão a postura que, em geral, é composta por 4 a 6 ovos (em média), de coloração branca. Os machos permanecem juntos com as fêmeas e

revezam o choco.

Os ovos são incubados pelo casal durante um período que varia entre 11 e 13 dias e os filhotes permanecem no ninho entre 17 e 20 dias. Uma característica muito interessante deste tipo de pássaro é a marcação que os filhotes apresentam em suas bocas. Ao abrirem-nas para receberem alimentos dos pais, nota-se uma marcação bastante peculiar e específica que é característica de cada



espécie dessa família. Crê-se que essas marcações sirvam de orientação (referências) para os pais alimentarem os filhotes no interior dos ninhos que são muito fechados e escuros.

O anilhamento dos filhotes deve ser feito quando os mesmos estiverem com 8 a 10 dias de vida. Para tal utilizam-se anilhas com bitola 2,0 mm.

Há distinção entre os adultos e os jovens da espécie. Os pássaros jovens apresentam plumagem incompleta e,



embora já demonstrem a marca vermelha por cima do olho (característica da espécie), a sua coloração é muito pálida e o bico é totalmente preto.

Nessa fase, recomenda-se muita atenção por parte do criador quanto ao manejo diário dos pássaros. O fornecimento diário de alimentos apropriados é de fundamental

importância para o desenvolvimento dos filhotes. Recomenda-se nesta fase que não falte um suplemento rico em proteína animal, como, por exemplo, gema de ovo cozida ou alguma farinha que apresente teor de proteína animal não inferior a 18%, lembrando que esses alimentos devem ser substituídos diariamente.

Passados cerca de 20 dias, já se encontram predispostos a sair dos ninhos e com aproximadamente 40 dias, já se encontram em condições de serem separados dos pais.

À medida que esses pássaros vão se tornando adultos, a coloração do bico vai apresentando gradativamente uma tonalidade mais avermelhada, até que finalmente atinja a tonalidade padrão dos pássaros adultos. •

